



ENTRE FRONTEIRIDADES E EPISTEMOLOGIAS: Resenha do livro *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza* de Edgar Cézar Nolasco

Daniela Correa Nachif¹ & Fernando Abrão Sato^{2,3}

“Por meio do olhar irreverente dessa ‘mirada estrábica’, consegue-se refletir sobre a cultura brasileira sem resquícios de mágoa ou de ressentimentos. ‘O terceiro mundo’, já sabemos, não é mais aqui.”

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*, p. 46.

INTRODUÇÃO

Assim como o mundo, a sociedade e a cultura, o conhecimento está em constante mudança. Apesar disso ser praticamente um senso comum, nossos manuais de críticas literária e cultural e as discussões propostas em encontros acadêmicos têm nos mostrado que há uma grande conflito entre aqueles que defendem somente o saber instaurado e praticado no *boom teórico* da década de 1960, com os estudos literários de ordem textual, e a crítica receptiva a abordagens culturais, pós-coloniais e desconstrucionistas do texto literário. Isso se deve, infelizmente, à classificação dualista e partidária das preferências teóricas,

¹ Daniela Correa Nachif é Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Mestranda do Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos de Linguagens, da UFMS e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC).

² Fernando Abrão Sato é Acadêmico do 2º ano do curso de Letras, da UFMS. Bolsista PIBIC/CNPq e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC).

³ Eduavison Pacheco Cardoso é Graduado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Membro do NECC.

críticas e metodológicas empreendidas na academia. Em síntese, o que se tem na verdade é o avanço de questões conceituais, que vêm sendo resolvidas por meio das discussões instauradas pelos críticos que se propõem a trazer no bojo de suas discussões problemas a serem resolvidos conceitualmente, gesto que explicita a nomadicidade característica do saber.⁴

Nesse sentido, caminha o projeto intelectual de Edgar Cézár Nolasco – professor de cursos de Graduação e Pós-graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul –, que possui na sua agenda discussões sobre temáticas contemporâneas e polêmicas. Prova disso é a trajetória acadêmica do crítico sul-mato-grossense que possui estudos inéditos e pioneiros sobre a vida e obra de Clarice Lispector, as dissertações e projetos por ele orientados que abordam epistemologicamente tendências teóricas atuais como a Crítica biográfica, os estudos subalternos, pós-ocidentais e pós-coloniais. Ademais, por ser coordenador do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC), da UFMS, e dos Cadernos de Estudos Culturais, e propor nos periódicos temáticas inéditas, tem demonstrado grande preocupação por uma conceituação consistente da crítica sul-mato-grossense e da crítica brasileira frente à latino-americana, à norte-americana e à eurocêntrica.

168

Levando em consideração o último ponto citado acima, teoricamente é essencial a escolha do livro *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, de Nolasco, publicado em 2013, pela editora Pedro & João Editores, para ser resenhado. A obra é resultado do estágio de Pós-doutoramento de Edgar Cézár Nolasco no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC/UFRJ), o qual foi executado no ano de 2012, sob a supervisão do Prof. Dr. Denílson Lopes, e que está vinculado ao projeto de pesquisa “Paisagens transculturais na fronteira sem lei (MS/Paraguai/Bolívia)”.

Ao ter o livro em mãos, antes de lê-lo, tem-se a possibilidade de fazer uma gama de interpretações somente com a capa e o próprio título. Vale explicitar aquela em que é possível visualizar a preocupação do autor para com o *locus* geográfico que engloba o estado de Mato Grosso do Sul, visando explicitar a fronteira-Sul, que aparece marcada na cor vermelha, juntamente com os países Paraguai e Bolívia. Além disso, o título do livro concentra em parte a trajetória do

⁴ Cf. SOUZA. “O espaço nômade do saber”.

crítico e professor, visto que se pode inferir que “Perto do coração *selbaje*” faz referência ao primeiro livro publicado de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem* (1943). Além disso, o uso das palavras em português “selbaje” e “fronteriza” faz referências linguísticas e culturais presentes no estado de Mato Grosso do Sul, principalmente na região de fronteira, onde se mescla o português, o espanhol e o guarani. Fato que demanda uma epistemologia que englobe as histórias, as memórias, os costumes, a cultura, as produções artísticas, as linguagens e a geografia dessa região, que é posta como marginalizada e subalterna pelo Estado, pela Academia e pelo que se chama de Cultura oficial. Tudo isso começando somente pela capa:

Figura 1 – Capa do livro *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013), de Edgar César Nolasco.



Fonte: Site do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC).⁵

⁵ Disponível em: <<http://necc2009.blogspot.com.br/2014/05/no-2-dia-do-iii-coloquio-necc-dia-16-de.html>> Acesso em fev. 2015.

Ao iniciar a leitura, o que leitor tem em mãos é o convite de Edgar para um diálogo acerca do lócus em questão, bem como da crítica brasileira, ante às críticas estrangeiras e os discursos críticos produzidos no país. Em síntese, na introdução, o autor ressalta a necessidade de levar-se em consideração o lócus geoistórico e cultural por parte da crítica, no lugar de repetir teórica e metodologicamente o equívoco de universalizar as histórias e práticas culturais e epistemológicas oriundas da fronteira-Sul, atividade que ainda infelizmente é realizada em parte na academia.

Entretanto, com a consciência crítica de que a práxis moderna possui suas limitações, estudiosos vêm trabalhando para conceituar as questões críticas excluídas, e classificadas como fragmentárias, de modo especial e sistematizado. Para isso, assim como Nolasco, outros críticos perceberam que, se o discurso praticado por eles preservassem o dualismo, repetiriam o universalismo excludente que a crítica moderna executou exaustivamente. Dessa forma, encontraram respaldo na abordagem transdisciplinar das práticas artístico-culturais e teóricas.⁶ Somado isso às teorias pós-colonialistas, ainda na introdução, Edgar converge a discussão para a fronteira-Sul, visto que ressalta o fato de a região estar, não só politicamente, mas epistemologicamente em condição subalterna frente aos grandes centros nacionais e internacionais, devido aos ranços colonialistas presentes ainda no país e reforçados, mesmo que não intencionalmente, pela crítica moderna. Em resposta a isso, Nolasco afirma que:

A fronteira-sul [...] demanda a ascensão de uma epistemologia *fronteriza* específica que dê conta de refletir acerca desse lugar subalterno por excelência, rechaçando [...] quaisquer discursos críticos de natureza dualista, acadêmica e disciplinar, isto é, modernos. Tal epistemologia outra labora a exumação das histórias, memórias e discursos subalternos, permitindo, por conseguinte, ascensão dos restos por fora do discurso centralizador da crítica [...] que imperou nos trópicos com sua boa intenção messiânica e salvífica.⁷

⁶ Nesse sentido, é imprescindível citar os trabalhos de Eneida Maria de Souza, e seus ensaios reunidos em *Crítica Cult* (2002), nos quais a crítica faz um balanço dos estudos literários no Brasil, explicitando os ganhos teóricos advindos dos estudos sistematizados do texto literário, com a chegada do estruturalismo na década de 1960, assim como suas limitações, e a necessidade de abordar cultural e transdisciplinarmente tanto a literatura como todas as práticas artístico-culturais.

⁷ NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 12.

Como se vê, é perceptível a consciência do crítico de que o objeto não deve servir ao método e à teoria, uma vez que os estudos modernos chegaram a tal ponto que ora o objeto era forçado a ser encaixado na teoria ora era descartado. É, portanto, nesse sentido que o autor afirma que a fronteira-Sul, ou ainda qualquer outro lócus de enunciação descentrado, demanda uma epistemologia que englobe e reflita criticamente a história e práticas culturais de determinado local.

Apesar de se posicionar a favor da elaboração dessa *epistemologia outra*, o professor reconhece que “a academia periférica [...] é o guardião dessa *sapientia moderna ultrapassada e hegemônica*”⁸. Dessa forma, afirma que o fato de se escolher erigir um discurso *fronterizo* que abarque o *loci* em questão faz com que se reflita contra o pseudodiscurso propagado em ambiente acadêmico. Consciente disso, o crítico ressalta: “Por fazer parte de uma Universidade que beira a zona de fronteira, busquei situar-me e pontuar meu discurso crítico como forma de, assim, convocar o discurso acadêmico moderno para uma conversa crítica consciente de seu lugar de origem e situação geostórica cultural”⁹.

Conclui que a condição de ter nascido na região de fronteira com o Paraguai o ajudou a adestrar o ouvido para o entrecruzares de línguas e histórias locais, de modo que o processo de escrita de *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* não tem por objetivo falar pelo subalterno, mas, falar enquanto habitantes da fronteira, nossa cultura, nossa história e nossas memórias, visto que, segundo Gayatri Chakravorty Spivak, “não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar ‘contra’ a subalternidade, criando espaços nos quais o subalterno possa se articular e, como consequência, também possa ser ouvido”¹⁰. Com isso, o autor se posiciona como um intelectual disposto a aproximar-se da fronteira-Sul e erigir seu discurso a partir dela. Finalizando sua introdução, Edgar afirma que ao longo do livro argumentará a favor da crítica pós-colonial, visando a importância das “sensibilidades locais” (MIGNOLO), assim como do *bios* dos sujeitos envolvidos nas ações culturais e discursivas.

⁸ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 13.

⁹ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 13.

¹⁰ SPIVAK. *Pode o subalterno falar?*, p. 17.

Além disso, discorrerá sobre a exclusão pela qual passa a crítica brasileira por não participar do diálogo epistemológico entre as críticas estrangeiras, visto que o Brasil fica de fora das discussões empreendidas até mesmo pela crítica latino-americana pensada em espanhol. Apesar disso, Edgar Cézar Nolasco afirma que a teoria pós-ocidental proposta por Walter Mignolo, em *Histórias locais/Projetos globais*, o ajudou a compreender “um certo subalternismo interno que teima e subsistir na crítica brasileira, assim como um colonialismo crítico forte entre a crítica brasileira e as de fora”¹¹. Logo, também fará parte da pauta do crítico o processo de transculturação e importação das teorias utilizadas na crítica do país, tendo como embasamento teórico os postulados pós-ocidentais, os quais, segundo Nolasco, ajudará a pensar “as questões internas da cultura e das produções culturais por fora de uma visada ‘estética’ moderna”.¹²

1 PERTO DO CORAÇÃO SELBAJE da crítica *fronteriza*

Após a introdução explicativa da discussão que se seguirá no livro, o primeiro capítulo, intitulado “Crítica subalternista ao sul”, visa discorrer sobre um traço subalternista presente na crítica brasileira. Para isso, o autor se vale de três passagens que tratam de posicionalidades, localidades, localização, especialidades e lugares, das quais, as duas primeiras tratam do Sul como motivo da discussão, e a terceira advém das paisagens subalternistas presentes no *bios* do crítico.

172

A partir da discussão de John Beverley, tratando da origem do termo subalterno para Antonio Gramsci, presente em *Subalternidad y representación*, Edgar ressalta que “a conceituação do que seja subalterno demanda uma delimitação territorial específica”¹³, pois “delimitar um espaço para [ele] é o começo de uma estratégia crítica que visa, ao invés de antes procurar representar o subalterno como um sujeito social concreto, discutir a problematização [dele] nos discursos disciplinares e nas práticas dentro da academia.”¹⁴ A passagem se

¹¹ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 16.

¹² NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 17.

¹³ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 22.

¹⁴ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 22.

explica no sentido de que não cabe à crítica resolver os problemas sociais de determinada sociedade, no caso, a brasileira, ainda que faça parte da discussão as ações do Estado no exercício crítico.

Além disso, o teórico exemplifica a questão da posicionalidade, ao aprofundá-la através da ilustração de Joaquín Torres García – a qual o intelectual representa o mapa da América do Sul invertido, de modo que o Uruguai fique ao norte –, no ensaio “La Escuela del Sur”, de 1936, e a importante leitura de Hugo Achugar acerca da representação cartográfica, bem como do ensaio. Segue o trecho em questão:

Não deve haver norte, para nós, mas por oposição a nosso sul. Por isso, agora colocamos o mapa ao contrário – e então já temos uma justa ideia de nossa posição – e não como querem no resto do mundo. A ponta da América, a partir de agora, prolongando-se, aponta insistentemente ao Sul, nosso norte. Igualmente nossa bússola: inclina-se de forma irremissível sempre para o Sul, em direção a nosso polo. Os barcos, quando vão embora daqui, descem, não sobem, como antes, para ir em direção ao norte. Porque o norte agora está embaixo. E o leste, em relação ao nosso Sul, fica à nossa esquerda.¹⁵

Ao citá-lo, Edgar César Nolasco acredita que a lição crítica do artista uruguaio reside no fato de que a crítica deve direcionar seu discurso para o lócus geoistórico em questão, e não direcionar aos centros hegemônicos, como se fazia. Este ato, segundo Achugar, “assinala a arbitrariedade e a carga ideológica das representações que são produzidas a partir do hemisfério norte”¹⁶. Logo, por haver tal arbitrariedade, o traço subalternista presente na crítica brasileira é suscetível a modificação de modo a ser rechaçado. Nesse sentido, a importante leitura do discurso de Torres García feita por Nolasco faz-se necessária haja vista que atualmente o Brasil não se encontra mais geográfica e academicamente ‘no resto do mundo’. Apesar das desigualdades sociais que possuem origem no colonialismo, o Brasil – com todas suas especificidades – é capaz de participar da economia mundial, de ser integrante do bloco econômico MERCOSUL, de participar e sediar eventos importantes, etc. Desse modo, fica a questão: Por que também não produzir um discurso crítico consistente capaz de englobar as

¹⁵ TORRES GARCÍA *apud* ACHUGAR. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*, p. 291.

¹⁶ ACHUGAR *apud* NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 23.

produções artístico-culturais do país e de emergir práticas teóricas e metodológicas peculiares, que participem das discussões acadêmicas estrangeiras?

Essa complexa questão acerca do subalternismo que impera na crítica brasileira será problematizada e o teórico, ao final, dará uma possível sugestão para tal.

A primeira pista dada pelo crítico sobre o traço em questão reside na dificuldade linguística de o crítico brasileiro participar dos debates teóricos empreendidos fora do país, sobretudo “no cômputo geral da articulação crítica feita na América Latina e, principalmente, na dos Estados Unidos”.¹⁷ Mais que isso, essa questão faz com que se tenha uma imagem estereotipada da crítica brasileira em relação à estrangeira e como a mesma se vê criticamente em diálogo com aquelas. Com base no exposto, Edgar ressalta o exercício da tradução de obras feito pelas editoras do país, o que, segundo ele, não é uma tarefa fácil de ser realizada e que exige muita seriedade, logo demanda um tempo considerável. E, quando traduzidos, “tais trabalhos críticos [...] são exaustivamente relidos e reescritos, dentro das universidades brasileiras e até fora delas, para se refletir a cultura brasileira e seus problemas”.¹⁸ Fato que é considerado justamente pelo teórico como inapropriado para respaldar-se criticamente, visto que, além de a delimitação espacial e a posicionalidade não estarem voltadas para a cultura brasileira, tratam indiretamente da cultura e produções artísticas e literárias brasileiras. Esse exercício de pautar-se somente nas importações teóricas, além de não resolverem os problemas dentro dos discursos críticos produzidos no país, segundo Nolasco, reforça ainda mais o olhar colonizador dos centros hegemônicos para a crítica nacional: “O olhar do império, ou melhor, do Norte, no campo da crítica brasileira, continua a determinar a posição para a qual esta deve mirar. Nesse campo minado da representação crítica, há, sem sombra de dúvida, vencedor e vencido”.¹⁹

174

Avançando a discussão, a partir de “Notícia da atual literatura brasileira - Instinto de nacionalidade”, artigo de Machado de Assis publicado em Nova York,

¹⁷ NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 25.

¹⁸ NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 25.

¹⁹ NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 25-26.

a 1873, Edgar C zar Nolasco chega ao ponto central da sua argumenta o, visto que o texto machadiano trata justamente da discussão em torno da subalternidade presente na literatura brasileira e, por extensão, na crítica literária da época. Nolasco ressalta dois trechos importantes do artigo, nos quais, no primeiro Machado reconhece que   justificável o fato de uma literatura iniciante, como a brasileira, se pinte e se vista com as cores do país, em um exercício de nacionalismo exacerbado. Contudo,   digno de destaque o segundo trecho, em que Edgar se vale para tratar do problema atual residido na crítica nacional:

Não há d vida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobre am. O que se deve exigir do escritor antes de tudo   certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.²⁰

Apesar da grande diferença entre a data de publica o do artigo de Machado e o livro de Edgar, o teórico e professor universitário faz uma releitura do texto machadiano trazendo-o para o contexto atual: “o instinto de nacionalidade de Machado se opunha tão somente   mentalidade provinciana ‘que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local’²¹. O crítico reconhece t mbe m que tanto os escritores romancistas quanto Machado contribuíram para formarem uma nacionalidade na literatura brasileira. Além disso, chega ao ponto mais interessante da discussão levantada, quando concorda com a afirma o do estudioso machadiano Roberto Schwarz de que Machado, na verdade, propôs uma dial tica entre o local e o universal. Dessa forma, concorda que se valer somente das localidades   insuficiente para a consolida o da crítica brasileira e, por conseguinte, para rechaçar o traço subalternista presente nela, uma vez que

A aferi o da paisagem cultural retratada aqui [pelos escritores nacionalistas enaltecendo somente as cores do país] passava pela aprova o do olhar estrangeiro, como uma prática natural por parte do colonizado nos trópicos. Daí poder dizer que, por mais contraditório que possa parecer, quanto mais a questão era pensada dentro, mais se buscava seu respaldo fora. Chego, assim, ao ponto que me interessa da discussão, porque infiro que foi tal prática que levou   inscri o de um traço

²⁰ ASSIS *apud* NOLASCO. *Perto do cora o selbaje da crítica fronteriza*, p. 27.

²¹ NOLASCO. *Perto do cora o selbaje da crítica fronteriza*, p. 28.

subalternista que, histórico e culturalmente, persiste, se não na tradição literária brasileira, muito certamente ainda no bojo da tradição crítica.²²

Como se vê, prender-se somente no que é da ordem do local reforça mais ainda o colonialismo, pois representa-se a imagem de ‘bom selvagem’ das produções literária e crítica, agradável aos olhos da crítica hegemônica, com seu olhar castrador e imperante.

Desse modo, ressalvadas mais uma vez as diferenças temporais, a importância vista por Edgar Nolasco no artigo machadiano reside no fato do escritor realista soube traduzir a diferença colonial. Assim, o crítico afirma que

Quem não o soube continuou a reiterar a diferença alheia no alheio, ou melhor no próprio, pensando que assim melhor valorizava o que era específico. [...] Essa supervalorização do que era de fora também contribuiu [...] para reforçar o sutil traço subalternista que alicerça a crítica feita do lado de cá do Atlântico.²³

O crítico ressalta, mais uma vez, as más consequências do dualismo ser levado ao extremo, argumentando que a condição subalterna da crítica brasileira deve-se tanto ao excesso de nacionalismo – descartando todos os modelos estrangeiros xenofobicamente – quanto ao culto aos modelos e teorias eurocêntricas – excluindo as especificidades culturais brasileiras. Avançando a discussão, Nolasco enaltece o trecho do artigo de Machado, no qual o autor de *Dom Casmurro* se ressentia da falta de uma crítica que corrigisse ou animasse a invenção literária. Dessa forma, Nolasco acredita que “o traço subalternista gerado por essa visada crítica dualista pode ser resolvido dentro da articulação crítica brasileira. Se por um lado, [ela] tem mostrado que pode resolver internamente sua subalternidade quando traduz e lê na diferença colonial as lições críticas importadas”.²⁴

A partir da tradução na diferença proposta por Edgar é possível que a crítica brasileira dialogue com a pensada em espanhol, na América Latina, a norte-americana e a produzida na Europa, de modo que utilize os conceitos interessantes e descarte os que não o são criticamente. Isso se explica, segundo o teórico, à medida em que a crítica hispano-americana não trata, por exemplo, da cultura

²² NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 29.

²³ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 30.

²⁴ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 31.

brasileira, por mais que tenha um traço histórico, geográfico e linguístico – pois ambas as línguas são de origem latinas – que as interliguem. O professor universitário critica também o fato de que, quando as produções críticas e artístico-culturais são postas na ‘crítica vizinha’, aparecem apenas discursivamente de maneira alusiva e ilustrativa. Já frente à crítica norte-americana e à europeia, Edgar Cézár Nolasco propõe que se privilegie

Uma política da crítica assentada num pós-ocidentalismo, numa transfronteiridade e numa especificidade local que, antes de mais nada, procura ter *domínio* de sua articulação teórica, crítica e política de seu campo de atuação frente aos demais que por aqui aportam, entendendo que tal crítica começa a resolver sua subalternidade, quando põe *sub judice* tudo o que é aferido por uma crítica pensada de fora, geralmente alhures e em outra língua.²⁵

Portanto, muito além do que se propõe a tradução entre línguas, o exercício de tradução na diferença colonial compõe-se do “processo de tradução crítico-cultural de todas as teorias e conceitos que migram entre as línguas e as culturas nos dias atuais”²⁶, no qual delimita espacialmente, posiciona seu discurso para as produções do lócus de enunciação brasileiro. Assim, o autor propõe uma crítica pautada no pós-ocidentalismo discutido por Mignolo, pois somente essa visada teórica, segundo o argentino, fará com que a América Latina seja pensada dentro dela própria, e não como objeto de estudo. Nesse sentido, Nolasco conclui as ideias do primeiro capítulo afirmando que, valorizando os signos internos, a crítica produzida fora do país terá de traduzir conceitualmente os conceitos trabalhos aqui, impedindo-a de achar que com o modelo homogeneizador se compreende melhor a cultura brasileira.

O segundo capítulo intitula-se “Crítica fora do eixo: onde fica o resto do mundo?”. Nele, o autor certa continuidade à discussão empreendida no capítulo anterior, mas, voltando-se mais para a relação entre a crítica produzida nos grandes centros do país e a crítica periférica. Como foi observado no primeiro capítulo, os traços subalternistas a que estão submetidas os estudos realizados no Brasil advêm de vários referenciais, ou seja, ao levá-los em conta, há que visualizar a crítica brasileira frente às demais. Já neste capítulo, Nolasco tratará da

²⁵ NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 34.

²⁶ NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 34.

condição subalterna das críticas periféricas do país em relação às produzidas nos grandes centros brasileiros.

O teórico inicia o capítulo rememorando o convite do Itaú Cultural para o Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC/UFMS) – que ele coordena – para participar do evento Invisibilidades III, visto que a mesa que o professor e os integrantes compuseram intitulava-se “Fora do eixo – A produção de ficção e crítica literária no Brasil que você não conhece”. O nome da sessão intrigou o crítico, pois, o fato de geograficamente as regiões estarem interligadas considerasse que faz parte do mesmo país. Contudo, em todo o livro, Edgar Cézár Nolasco ressalta a necessidade de se considerar as especificidades locais, englobando a cultura e as histórias de cada lócus. Logo, durante o capítulo, deslocará seu olhar para o que é considerado fora do eixo.

Iniciando a discussão, afirma que “o centro não conhece o Brasil fora do eixo não é porque ele não quer, mas, sim, porque ele não pode. O problema, e aí reside toda minha proposta crítica deste livro, é que o discurso crítico do centro teima em achar que pode falar pelo e por quem se encontra fora do eixo”.²⁷ Além disso, fazendo alusão ao título do evento promovido pelo Itaú Cultural, postula sobre essa falta de diálogo entre as duas críticas que

Uma invisibilidade dupla se esboça: a primeira dá-se quando a crítica do centro acredita que seu discurso hegemônico encampa as especificidades das culturas locais periféricas. Já a segunda invisibilidade acontece quando a crítica pensada nos grandes centros do país é tomada pelas margens como capaz de dar conta de compreender problemas específicos das produções culturais periféricas.²⁸

Na citação acima, é perceptível a preocupação do crítico com a maneira pela qual a crítica periférica recebe os postulados vindos dos grandes centros. Por serem de caráter homogeneizador, essas lições críticas não dão conta de englobar as culturas locais de um país continental e colossal – como afirma o autor. Devido a isso, Nolasco postula que a crítica periférica ao reconhecer as limitações desse modelo moderno pode ser vista como acrítica, uma vez que, pensar nas especificidades pode ser entendido pelas academias dos grandes centros como um ato acrítico, no sentido de que o pensamento hegemônico de alguns intelectuais –

²⁷ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 44.

²⁸ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 44.

muitos herdeiros de tendências teóricas anteriores – considera os estudos realizados fora do eixo carentes teórica e epistemologicamente, por tratarem de modo geralmente descentrado e buscando sempre estratégias discursivas e teóricas para englobar as culturas locais dos Brasis excluídos, como a fronteira-Sul, constituindo um ato de “desobediência epistêmica” (MIGNOLO).

Por estar discutindo a relação eixo x fora do eixo, centro x periferia, Nolasco diz que a discussão ancora-se sob o fio dessa dualidade, apesar de postular que privilegiando as dualidades só estaria repetindo o que as tendências críticas modernas fizeram e que algumas tendências atuais continuam fazendo. No entanto, sua discussão passa pela seguinte questão: “Como rechaçar tal dualidade, quando as diferenças persistem nas discussões críticas?”²⁹, que será problematizada durante o ensaio.

A priori, o autor sugere que para tal faz-se necessária a constituição de uma nova epistemologia que tenha por um dos seus objetivos descolonizar a crítica tradicional do centro. Para isso, busca respaldo nos conceitos de pensamento liminar e gnose liminar, de Walter Mignolo, os quais Nolasco afirma serem semanticamente os mesmos: “a gnose liminar é um anseio de ultrapassar a subalternidade e um elemento para a construção de formas subalternas de pensar. [...] a partir dos limites das narrativas hegemônicas da história ocidental”.³⁰ O mais interessante da passagem de Mignolo, é o fato de serem considerados os limites das narrativas hegemônicas, de modo a dar o sentido de que se há um limite, essa crítica precisa ser avançada. Sendo assim, Edgar César Nolasco postula que levar em consideração o lócus de enunciação é insuficiente ainda que necessário. Então, para suprir essa necessidade, ele afirma que a crítica fora do eixo deve somar o caso anterior à proposta descentralizadora/descolonizadora dos postulados migrados do centro. Em torno disso, o crítico afirma que, ao somar o lócus de enunciação a essa proposta,

Os vários termos empregados pela crítica contemporânea, como pós-ocidentalismo, pós-colonialidade, entre outros pós, são todos de natureza pós-crítica, denomino, a partir de agora, a crítica feita fora do eixo de crítica pós-crítica. [...] *Se a crítica é uma reflexão nascida nos centros, entendo, por conseguinte, que somente uma*

²⁹ NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 44.

³⁰ MIGNOLO *apud* NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 49.

*crítica de natureza pós crítica erigida da/na periferia pode ler na diferença as especificidades geoistóricas culturais de seu lócus de enunciação [grifo nosso].*³¹

Vê-se, então, a ruptura epistêmica entre as duas críticas. Porém, uma ruptura marcada pelo diálogo entre as críticas, pois o que se deseja não é repetir a hierarquização entre tendências, mas a participação de todas horizontalmente. Portanto, mais uma vez, o autor ressalta a importância de uma tradução dos conceitos produzidos no centro como uma função a ser realizada pela crítica pós-crítica (fora do eixo, periférica), e a outra função “seria a de pôr em articulação seu próprio papel enquanto crítica fora do eixo, como forma de marcar para o outro (ou outra crítica e para ela mesma sua posicionalidade no mundo intelectual”.³² Dessa forma, não se trata de lançar mão dos conceitos produzidos nos centros hegemônicos. Faz-se necessário não os pensar como verdades totalitárias, mas se podem contribuir para com os estudos periféricos, estes visando sempre suas particularidades. A proposta de uma crítica pós-crítica passa pelo fato de que a crítica periférica acompanhe os saberes, os conhecimentos e a cultura de determinado *loci*, para que ela saia da condição de objeto de estudo, convocando a construção de formas subalternas de pensar, isto é, uma *episteme* outra.

Sobre a condição de objeto de estudo que ainda impera em alguns estudos, Edgar Nolasco prolonga parte do capítulo de modo a mostrar a angústia presente tanto no discurso dele como nos demais críticos brasileiros e latino-americanos, como Walter Mignolo, e os intelectuais que trabalharam exaustivamente a questão da dependência cultural no continente. Afirma que há uma boa intenção por parte da crítica moderna que deseja estudar as produções artístico-culturais periféricas, o que não basta, haja vista que desejam estudá-las como mero objeto exótico, ato que o crítico classifica ironicamente como uma herança romântica. Portanto, cabe a crítica fora do eixo pensar de dentro de seu lócus enunciativo seus saberes internos, como postula Nolasco: “Uma crítica erigida desse lócus e com essa consciência tem o papel político de contribuir para a restituição das histórias

³¹ NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 47.

³² NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 48.

locais como produtoras de conhecimento que descentrem a crítica hegemônica que migrou e a epistemologia global imperante”.³³

Nessa direção, chega-se à parte conclusiva do capítulo, intitulada “As vidas na fronteira”. Como o próprio subtítulo já diz, a discussão que se seguirá passará pelo viés biográfico e local devido aos vocábulos “vidas” e “fronteiras”, os quais dão essa carga semântica. Edgar inicia descrevendo a maneira pela qual as fronteiras estão correlacionadas à hibridização:

Por sua condição fora do eixo, por seu lócus geostórico cultural, por sua condição de transfronteiridade, está condenada a transculturar tudo o que recebe (hospeda) da crítica no centro, ou da de fora. Isso se dá, na verdade, com relação à crítica itinerante vinda do centro. Porque, na verdade, a vida na fronteira está mais para a condição de cultura na fronteira. Ambas, por conta da indissociabilidade entre línguas, povos e culturas, fundem-se quase que mutualmente.³⁴

Contudo o crítico observa que parte dos trabalhos críticos produzidos fora do eixo não acompanham essa característica transculturadora própria dos locais fronteiriços, e operacionados pela cultura local, preferindo aplicar somente os modelos do centro. Logo, o intelectual afirma que as críticas periféricas devem receber as teorias migrantes de modo transculturador, pois

Se uma crítica do centro sofresse uma transculturação quando aqui chegasse, ela não exerceria esse papel iluminador [...], castrador, de achar que pode teleguiar a inteligência dos hospedeiros, nem muito menos visar revelar uma realidade que só seria vista como consequência de seu deslocamento do eixo para o fora do eixo.³⁵

Ademais, Edgar Nolasco argumenta que deve haver um balanço do que é criticamente importado, isto é, por sob suspeição o saber migrante através de um processo de transculturação que englobe a cultura local. O maior problema visto em não o fazer deve-se porque seguir à risca os modelos do centro faz com que o local seja excluído. E, como discutido no capítulo primeiro, a crítica brasileira – seja ela produzida no centro ou na periferia – deve travar um diálogo entre o local e o universal, não optando partidariamente este ou aquele. Logo, a condição liminar que os sujeitos fronteiriços se encontram permite que o crítico transite

³³ NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 54.

³⁴ NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 56.

³⁵ NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 58.

entre o conhecimento de seu lócus geográfico e cultural e os saberes importados, pois, “o fato de o crítico fora do eixo habitar e vivenciar na condição de liminaridade, ele pode captar e traduzir sua experiência por meio de sua reflexão crítica. Ou seja, vê-se com isso que é possível teorizar da margem”.³⁶

O capítulo “Perto do coração selvagem da crítica *fronteriza*”, o terceiro do livro, tratará sobre a crítica fronteiriça enquanto bárbara e selvagem, em relação à crítica hegemônica, no sentido de que ela precisou aprender com sua condição subalterna meios teóricos, discursivos e críticos de emergir do seu *loci* e dialogar com as demais, apesar de as relações hierárquicas e o subalternismo não serem rejeitados dos discursos críticos descentrados dentro e fora do país.

O autor inicia o capítulo relatando o revisionismo pelo qual passou todas as teorias, como a teoria da literatura, no final do século XX. Segundo Nolasco, isso se deve às tendências culturalistas e transdisciplinares das críticas cultural e literária trabalhadas na década de 1990. Nessa perspectiva, os estudos subalternos e pós-coloniais foram fundamentais também para a rediscussão conceitual do que é necessário ou não criticamente para a chegada do século XXI. Dessa forma, afirma o intelectual: “A abordagem crítica que primava tão somente pela epistemologia assentada no valor estético entrou em colapso”.³⁷

182

Apesar de os estudos citados acima terem sido desenvolvido inicialmente nas academias dos grandes centros, de modo a não englobar as margens com suas especificidades, os estudos transdisciplinares abriram as portas para que os saberes periféricos passassem a possuir visibilidade. Com base nisso, segundo o crítico, esses trabalhos preparam “o caminho para, a partir deste século que se inicia, se começar a escutar a proposta crítica articulada pelas epistemologias fronteiriças assentadas em loci geográficos culturais subalternos específicos”.³⁸ Essa passagem se explica visto que a crítica revisionista trabalhada nos centros possui certas limitações que podem/devem ser superadas pela crítica articulada fora dos grandes centros.

³⁶ NOLASCO. *Perto do coração selvagem da crítica fronteriza*, p. 60.

³⁷ NOLASCO. *Perto do coração selvagem da crítica fronteriza*, p. 65.

³⁸ NOLASCO. *Perto do coração selvagem da crítica fronteriza*, p. 66.

Além de obras de autores como Homi Bhabha, Walter Mignolo e Hugo Achugar, os estudos de Boaventura de Sousa Santos serviram de aporte teórico para Edgar César Nolasco articular a discussão do ensaio. Os estudos desse teórico trabalham “o pensamento moderno ocidental como um pensamento abissal”³⁹ em que se estrutura em um sistema de distinções visíveis e invisíveis: “são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo ‘deste lado da linha’ e o universo ‘do outro lado da linha’”⁴⁰.

Logo, o professor ressalta o fato de que nessa visada dicotômica um lado sempre é levado em consideração – as produções críticas e artístico-culturais hegemônicas – e o outro é excluído – as produções das periferias, como explana Boaventura: “deixa de fora todo um território social onde ela seria impensável como princípio organizador”.⁴¹ Nesse sentido, Nolasco contextualiza a região sul-mato-grossense que abarca a fronteira-Sul, os entrecruzares linguísticos do espanhol, portunhol e português, a cultura e as artes produzidas nesse local, uma vez que reconhece que os direitos não chegam às populações fronteiriças, por exemplo, e o Estado ignora a situação subumana que se encontram algumas populações aí residentes e a taxa de criminalização com relação ao tráfico de drogas e o contrabando nas fronteiras. Essa situação que, ironicamente é de responsabilidade política, não pode mais ser ignorada academicamente por meio de uma visada dualista. A condição na qual se encontram os sujeitos fronteiriços formaram – e ainda formam – um contexto no qual se produziu saberes e produções críticas e culturais relevantes para a compreensão interna, e até mesmo global, desse lócus e os sujeitos nele imbricados. Assim, para abarcar o que foi exposto o crítico sul-mato-grossense afirma que durante o capítulo encontrará “uma crítica bárbara e selvagem que, para emergir da escuridão abissal, teve que aprender com a sua específica condição de su(l)balterna”.⁴²

Avançando a discussão, por meio do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, o professor universitário afirma que as palavras bárbaro e selvagem,

³⁹ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 67.

⁴⁰ SANTOS *apud* NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 67.

⁴¹ SANTOS *apud* NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 67.

⁴² NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 69.

etimológica e semanticamente, são bem próximas, visto que o sentido de ambas está relacionado ao pertencimento de uma outra raça, falante de uma outra língua, vivente distante dos aglomerados urbanos. A partir disso, reafirma a preocupação da necessidade de demarcar o lócus geoistórico para o estabelecimento de uma crítica periférica consistente, e justifica o título do ensaio, bem como do livro:

Desde o título deste livro, *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, já se tem sinalizado que uma crítica de natureza *fronteriza* constrói-se com base num lugar *ex-cêntrico*, isto é, fora do centro, à margem. Aliás, é essa condição que vai permitir que se estruture toda uma teoria específica dessa crítica.⁴³

Diferenciando o pensamento do capítulo dos demais, Nolasco sinaliza que se pautará no conceito de “teorização bárbara”, de Mignolo, para articular a reflexão do que ele domina de crítica selvagem, ilustrando-a com a fronteira do estado de Mato Grosso do Sul com os países lindeiros Bolívia e Paraguai.

A sugestão que propõe o autor acerca da crítica *fronteriza* pautada na teorização bárbara, *a priori*, pode causar certo estranhamento devido ao sentido designado ao radical barbar-, cotidiana e até mesmo academicamente, pois este acompanhado de qualquer sufixo sempre será designado um significado negativo à palavra formada. Contudo, na proposta pós-ocidental, teorizar barbaramente é ter a consciência da situação a que o crítico está submetido, dentro de um contexto econômico, político, geoistórico e cultural; e, mais que isso, “tal consciência crítica rubrica a condição de marginalização, de subalternização, de periferia do próprio crítico que se predispõe a pensar sobre o sujeito subalterno, mesmo quando o crítico articula sua reflexão de fora de um lócus ‘terceiro-mundista’”.⁴⁴ O que está em jogo é o reconhecimento do crítico como um sujeito subalterno, assim como do seu lócus de enunciação frente aos demais.

Ademais, o emprego da palavra fronteira, segundo Mignolo, além de ser a linha divisória entre a civilização e a barbárie, o argentino explana que é também epistemológica: “o local primitivo e do bárbaro era a ‘terra vazia’, do ponto de vista da economia, e o ‘espaço vazio’ do pensamento, da teoria e da produção intelectual [grifo nosso]”.⁴⁵ Em torno disso, Edgar César Nolasco postula que

⁴³ NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 70.

⁴⁴ NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 71.

⁴⁵ MIGNOLO *apud* NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 71.

epistemologicamente foram ignoradas as sensibilidades bárbaras, ou seja, a forma de pensar das populações outras, das culturas outras, das organizações outras, etc. Para resolver tal questão, o autor aproxima a teorização bárbara do pensamento liminar, também do estudioso argentino, de modo a dizer que a crítica fronteiriça deve, por conseguinte, teorizar da margem, pois, ao fazê-lo, a crítica estará reinserindo, não só de forma alusiva, mas epistemológica e discursiva as histórias locais exumadas pelo projeto salvífico de civilização/romanização no decorrer da história mundial e, sobretudo, na das Américas, e ignoradas pelo exercício crítico homogeneizador que prefere e preferiu não as compreender.

Entretanto, a argumentação do intelectual não se fecha somente na compreensão local do lócus geoistórico subalterno, isto é, para Edgar Nolasco, é insuficiente que só as academias periféricas trabalhem para conceituar uma crítica *fronteriza* pautada nos conceitos trabalhados por ele no livro e por outros teóricos, apesar de isso ser o ponto principal para a consistência da “crítica selvagem”. Desse modo, o crítico chama a atenção para o fato de que os conceitos trabalhados na periferia sirvam também para o primeiro mundo – este visto na perspectiva conceitual do mundo, não como entidade –, pois, como afirma Walter Mignolo, a teoria crítica ‘bárbara’ “é absorvida e incorporada num novo local geocultural e epistemológico”.⁴⁶ Portanto, a crítica selvagem/fronteiriça deve

Remapear as culturas e os discursos do conhecimento acadêmico em torno dos quais se mapeou o mundo e modelou o discurso hegemônico e imperial que predominou no mundo moderno. É pelo fato de o pensamento fronteiriço, que estrutura a crítica bárbara e selvagem, situar-se nas bordas e margens das histórias locais que sua perspectiva epistemológica tem de ser de natureza subalterna. Aliás, a condição de existência e a de permanência de uma crítica selvagem nas margens globais é a articulação contínua de uma epistemologia *fronteriza*.⁴⁷

No capítulo IV, intitulado “Paisagens da crítica periférica”, o autor se detém nas questões periféricas, visto que lugares periféricos são sempre lugares específicos, e pensar a partir da periferia implica pensar a partir dos projetos globais que se cristalizam de forma hegemônica na cultura, significa também transculturar tais projetos globais em projetos locais periféricos que façam sentido

⁴⁶ MIGNOLO *apud* NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 73.

⁴⁷ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 74.

para a cultura periférica e, sobretudo, rearticular os saberes e os discursos de uma perspectiva da crítica subalterna.

Essa reflexão crítica por sua natureza de fora do lugar e periférica, e sua estratégia transdisciplinar, só pode se situar e ancorar seu discurso na margem do saber instituído e dos discursos acadêmico e disciplinar, como forma de barrar pensamentos totalizantes vindo de fora. Walter D. Mignolo antes de acreditar que existe ou não “dentro e fora”, reconhece que o “difícil é esquecer e eliminar as dicotomias históricas que o discurso e a epistemologia colonial impuseram ao mundo, inventando diferenças coloniais.

O que a crítica deveria fazer é eliminar de seu vocabulário qualquer visada dicotômica, sobretudo por que o discurso colonial, moderno, não fez outra coisa senão povoar o mundo de dicotomias. Mais importante que entender a dicotomia “dentro e fora”, Nolasco compartilha com Anzaldúa a necessidade de resolver “a ferida aberta” que marcou para sempre as produções culturais humanas e o próprio saber no mundo.

Logo, a partir do pensamento proposto pelo crítico, entende-se que os intelectuais deste século precisam encampar e compreender as periferias mundiais e globais, sobretudo por elas proporem uma outra reflexão em torno do “conhecimento e compreensão” propostos pelo discurso acadêmico, além de lembrarem ao intelectual dos centros que tanto ele quanto o próprio conhecimento disciplinar precisam “aprender com” aqueles discursos e intelectuais periféricos “que vivem e refletem a partir dos legados coloniais e pós-coloniais”, e não mais estimular a macaqueação, a exportação de teorias, o colonialismo (cultural) interno, e iniciar a promoção de novas formas de crítica cultural que possibilitem a emancipação intelectual e política visando transformar os estudos coloniais e pós-coloniais em um campo de estudo em vez de um lócus de enunciação liminar crítico.

Para o autor, agrega-se ainda, o fato de que o estado do Mato Grosso do Sul traz, desde o nome, a insígnia da subalternização em sua rubrica tal qual um couro de boi marcado `a ferro e fogo pelos latifundiários do lugar.

Pensar “a partir de” não significa fechar-se em seu lócus geohistórico e muito menos priorizar o *bios* do sujeito subalterno e das produções culturais do lugar, antes, a proposta política da epistemologia periférica visa compreender e considerar em sua discussão o valor histórico-cultural da “diferença colonial”. A

escolha de poder pensar da periferia, e de adotar uma outra articulação que não passe, necessariamente, por aquelas pensadas nos grandes centros avançados do país. Ao por em prática uma epistemologia periférica, o crítico subalterno acaba por inscrever sua própria experiência subalterna em sua articulação crítica, registra e torna público seu *bios*, ao crítico das periferias parece estar facultado teorizar, sempre, a partir da situação na qual se encontra, incluindo aí o próprio papel do intelectual, das produções culturais e demais sujeitos atravessados (Anzaldúa) pela condição subalterna. Essa atitude do crítico periférico contribui para refundar na história o que foi reprimido.

Se a epistemologia periférica não conseguir romper com a epistemologia moderna, ela se torna apenas uma outra versão, uma teoria sobre um assunto novo, mas não a constituição de um novo sujeito epistemológico que pensa a partir das e sobre as fronteiras. Nessa direção, já está mais do que consolidada a ideia de que o Terceiro Mundo produz uma epistemologia periférica própria, e de modo especial por seus intelectuais internos que, por saberem negociar com a crítica migrante de fora, não medem esforços para entender de modo diferenciado sua história e cultura.

A saída para a epistemologia periférica, para não narcotizar seu próprio lócus de enunciação está em propor e sustentar um lócus de enunciação “diferencial”, todavia o escritor que se insere aqui chama atenção para que se tome cuidado para não propor tal enunciação diferencial de dentro da epistemologia moderna, como às vezes tem acontecido, quando o intelectual se predispõe a estudar produções periféricas, marginais ou subalternas, amparado numa epistemologia acadêmica narcotizada e caduca que continua por não encampar um imaginário “diferencial”. “Diferencial significa aqui um deslocamento do conceito e da prática das noções de conhecimento, ciência, teoria e compreensão articuladas no decorrer do período moderno.”

Diferencial pode significar também o modo como deslocam e traduzem, as leituras críticas das quais os intelectuais se valem, como a do próprio Mignolo, pensada em inglês e dos EUA sobre a América Latina, para pensar de forma diferencial a periferia em questão.

Na condição dúplice de subalternidade, de fronteira e de periferia, a periferia sendo lugar específico, com uma história local particular. A fronteira de onde o autor fala, Mato Grosso do Sul, Pedro Juan Caballero e Porto Quijaro, não é o México, nem Buenos Aires, nem São Paulo. O portunhol, o guarani, bem

como as condições de vida na qual se encontram os brasiguaios, são condições únicas e indispensáveis para a compreensão da colonialidade do poder instaurada na paisagem fronteriza periférica.

O intelectual periférico se basta em tomar seu lócus como um “campo de estudos” parece ainda não se sentir seguro, intelectualmente falando, para pensar a partir de seu próprio lócus geoistórico, sem correr o risco de cair em um “localismo” piegas e chinfrin. Falta ainda uma crítica consolidada que se predisponha a pensar esse lócus geoistórico a partir dele mesmo, com sua diversidade (Mignolo) e problemas culturais.

Pensar a partir dessa zona periférica, das margens dos projetos globais, das margens dos projetos críticos hegemônicos que migram para a periferia com sua leitura cristalizada, totalizante e humanista demais sobre o outro periférico que entra na discussão crítica com um vasto campo/corpo exótico e estranho a ser explorado. A periferia está para o Terceiro Mundo, assim como o centro está para o Primeiro. Ainda hoje a cabeça do subalterno está voltada para o Norte, e o resto do corpo para o Sul.

Nolasco questiona que, enquanto entidade essa dualidade talvez nem exista mais, até esse mundo que proporcionou tal configuração e classificação talvez não exista mais nesse século, mas essa “divisão conceitual do mundo” continua intervindo e servindo de base para compreender os *loci* diferenciais que compreendem o mundo.

A categoria geoistórica subalterna tem por função epistemológica “deslocar do Primeiro para o Terceiro Mundo o lócus da enunciação teórica, reivindicando a legitimidade da ‘localização filosófica’, reivindicar direitos críticos e filosóficos não é reforçar um pensamento dual, e sim desencobrir a imagem selvagem e bárbara, sem capacidade de pensar, sem sensibilidade, eternamente dependente, imposta e sustentada pela herança colonial que sempre viu a fronteira-Sul e os trópicos como resto do mundo. A questão que se impõe aqui nessa discussão não é a de inverter os papéis e lugares, e cair numa inversão de valores e de poder acrítica por excelência.

Compete ao crítico periférico reivindicar a legitimidade dos valores que emergem desses lugares periféricos, não com objetivo de contrapor ou comparar tais valores, mas como uma resposta epistemológica de compreender tais realidades com seus sujeitos e produções culturais humanas, os quais o centro

jamais poderá compreender. Tomar o conceito de periferia como categoria geoistórica é assegurar o direito de produzir uma epistemologia, capaz de não apenas libertar os oprimidos sujeitos periféricos da condição na qual se encontram, como também daqueles sujeitos que se encontram presos na crença de uma epistemologia moderna colonial.

A emancipação como libertação significa não só o reconhecimento dos subalternos, mas também a erradicação da estrutura de poder que mantém a hegemonia e a subalternidade.

Neste capítulo, o autor, diferente do intelectual argentino Mignolo, que utiliza “pensamento periférico” um pensamento que se localiza na fronteira do poder dos discursos hegemônicos e modernos, cuja preocupação inicial parte de suas próprias históricas locais e suas particulares relações de poder, prefere utilizar o conceito de pensamento outro, uma epistemologia fronteira como condição para consolidação de um pensamento liminar.

Os que habitam a fronteira encontram-se a margem do sistema moderno, assim a periferia também é a travessia pelo global, já que o global passa pelo periférico, sem a ele se colar. Esse entre-lugar, liminar, lindeiro, transfronteiriço parece pontuar o lócus de um pensamento periférico, apesar de ele se situar mesmo em sua específica zona fronteira porosa e quase incontornável por ordem de seu imaginário periférico.

Como diz Mano Brown, cantor de rap da periferia de São Paulo, canta em seus versos que *periferia é periferia em qualquer lugar*, e quer mais global que a condição de periferia?

A *frontera* é travessia infinita, ao mesmo tempo que barra, como que sinalizando que só pode ser narrada a partir de um pensamento periférico que erija de-dentro dela mesmo, um tipo de pensamento que se mova ao longo da diversidade do próprio processo histórico. Uma maneira de pensar que não é inspirada em suas próprias limitações e não pretende dominar e humilhar, uma maneira de pensar que é universalmente marginal, fragmentária e aberta, e, como tal, uma maneira de pensar que por ser universalmente marginal e fragmentária,

não é etnocida. “somos mais colonizados por que somos periféricos ou somos mais periféricos por que somos colonizados?”⁴⁸

As paisagens periféricas, a transculturação e a hospitalidade, objetivam contornar mais de perto o que o crítico aqui inserido passa a denominar seu lócus de periferia de periferia.

A importância dos elementos do lugar na construção do sujeito e por conseguinte sua crítica, as produções culturais dos sujeitos atravessados, o posicionamento do intelectual autor e sujeito diretamente envolvido na reflexão crítica da fronteira. Essa localização do sujeito se relaciona com um sentido de territorialidade onde a língua, os alimentos, odores, o clima, enfim a paisagem, são signos que amarram o corpo dos sujeitos, a um ou a mais lugares.

O entre-lugar, liminar, lindeiro, transfronteiriço pontuam o lócus de um pensamento periférico, apesar de ele situar-se mesmo em sua específica zona fronteira porosa e quase incontornável por ordem de seu imaginário periférico, essa aproximação entre as sensibilidades locais com a paisagem local permite a compreensão da própria paisagem de um lugar específico.

Hugo Achúgar, afirma que há “periferias e periferias”⁴⁹ em seu livro *Planetas sem boca*, o retrato que o autor uruguaio faz entre a “nossa” periferia e a paisagem geostórica da América Latina, ele o faz por que pode, e isso só é possível por que ele, como crítico, lê a América Latina a partir da América Latina. Com isso o crítico assume todos os problemas que a discussão implica, e vai mais adiante quando postula que “pensar a partir da América Latina era pensar a partir da periferia”. Para a surpresa do crítico *fronterizo*, a descoberta da existência de periferias dentro de periferias, e que pensá-las demanda uma perspectiva crítica ainda mais específica, num mundo heterogêneo que caracteriza o que se denomina por América Latina.

O Brasil nesta discussão parece sempre estar em desvantagem, por ser uma periferia dentro de outra periferia, pertencendo à América Latina apenas por estar nele, e não por causa da língua. O Brasil sempre esteve de fora das discussões sobre a América Latina, daí a importância de um intelectual brasileiro, abrir esse

⁴⁸ NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 96.

⁴⁹ NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 97.

caminho, muito por conta da barreira que é a língua portuguesa dentro de um continente todo que se comunica pelo espanhol. Esse obstáculo ocasiona uma subalternização da crítica da própria América Latina.

O intelectual argentino não inclui o Brasil, seus problemas sociais, as produções artísticas, como que a nos lembrar da exclusão sumária da periferia da língua portuguesa latina, e quando Nolasco aproxima a discussão para o lócus periférico da fronteira as proporções tornam-se insolúveis.

Nesse lócus, nesse *bios fronterizo*, excluído pela crítica do centro, pela crítica do eixo e pela crítica latino-americana, um problema outro de colonização interna das periferias nacionais e sua subserviente repetição crítica das lições aprendidas no centro. Todos esses problemas tem e serão abordados pelo intelectual periférico, cujo lócus se encontra na fronteira tríplice entre Brasil, Paraguai e Bolívia, onde o intelectual que se comprometer com a pós-crítica e se souber subalterno, ciente desse conhecimento, geoistórico e epistemológico, poderá traduzir sem culpa as lições totalizantes que teimam em se hospedar em casa alheia. Essa “paisagem” invadida de teorias de fora, é um lugar *de onde se fala e também um lugar de onde se lê*⁵⁰, de acordo com Achúgar. Somente com a leitura o crítico pode contemplar uma epistemologia diferente daquela que foi realizada na e sobre a América Latina.

191

É preciso aprender para desaprender, a descolonização dos saberes só é necessária por que houve uma colonização, um projeto de subalternização, um quase *estranhamento* perpétuo das etnias, das sociedades que aqui se encontravam quando da chegada dos colonizadores europeus. Aprender para desaprender, para só então desconstruir a América Latina em toda a sua diferença. Mais diferença ainda paira por sobre a fronteira quente, esquecida e ignorada, a periferia da periferia Latino Americana, a fronteira tríplice entre Brasil, de língua portuguesa e território colossal, o Paraguai, que já foi aniquilado pelos brasileiros e hoje sobrevive na periferia da América Latina, se formos nos orientar apenas pelo viés econômico, e a Bolívia, que hoje possui no poder o membro de uma etnia subalternizada, mas que encontrou na sua diferença colonial condições de sobreviver `a colônia e assumir o poder, mesmo que séculos mais tarde.

⁵⁰ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 98.

Mesmo que no subúrbio do mundo, balbuciando sem que ninguém ouça suas vozes, uma região onde o cerrado e o pântano se revezam sem se hibridizar, um lugar de carência, onde os que balbuciam, podem não ser ouvidos pelos centros do saber e do poder, mas, onde o mais importante é que os sujeitos da fronteira sem lei “falam”.

O lócus, assim como todo o *bios* da fronteira sem lei é ignorado pelos centros do poder e do conhecimento, objeto de uma total exclusão por parte do poder político do estado, que esquecido, cria e aplica suas próprias leis. Nessa linha de exclusão, não cabe se não a inversão da afirmação de Gayatri Spivak de que *o sujeito subalterno é aquele que não fala, pois se fala já não o é*⁵¹.

Um conceito de fora pode servir de ponto de partida para pensar a partir da margem de um outro país, da periferia da periferia.

Na fronteira sem lei a luta pela terra e pela sobrevivência e direitos é uma luta armada, onde as questões são de ordem política e de poder, quem tem o poder se utiliza de ferramentas para continuar a exercê-lo, e quem detém o poder faz e aplica as próprias leis. Nesse caso, o poder da língua é mais devastador e entristecedor, enfraquece a identidade dos paraguaios hispano-guaranis, que têm que ver seus filhos falando português como segunda língua em lugar do guarani, e enfrentam problemas de ordem racial.

Num conceito global, uma língua subalterna como a portuguesa, quando empregada em outro contexto, a exemplo na periferia, torna-se uma língua hegemônica. Essa língua “estrangeira” impõe-se pelo uso, pelo valor da troca e circulação de sua moeda nacional, pelo poder de sua bandeira, pela terra que conquistou e, claro, pela cor da pele do invasor brasiguaiio, mais claro que os paraguaios.

Em *Histórias locais/Projetos globais*, Mignolo fala da questão do bilinguajamento, o deslocamento entre línguas hegemônicas e imperiais e sua recolocação dentro da perspectiva das línguas ameríndias. No tocante ao lócus *fronterizo*, aqui em destaque, a língua portuguesa se impõe como uma língua detentora de um poder mais colonial, já no caso do “portunhol” falada por quase todos os sujeitos atravessados (ANZALDUA) na fronteira-Sul.

⁵¹ SPIVAK *apud* NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 100.

Na zona da fronteira, traços nacionalistas e patrióticos, borram as próprias diferenças culturais locais. O viver entre línguas, de Anzaldúa, é o viver na fronteira. Nesse caso o “portunhol”, uma língua de fronteira, capta, supera e traduz não apenas as relações, mas o medo, a dor, a vergonha, a perda e a discórdia, como também a alegria dos povos imbricados a situação/condição de transfronteiridade.

A “paisagem do enforcado”⁵² do homem dono de terras e opressor em meio ao descampado de acampados oprimidos, simboliza a eterna luta pela posse dessas terras vermelhas da frontera, tal paisagem trás a inscrição de “um lugar” e não de “um não lugar”, um lugar entre o centro e a periferia, eixo e fora do eixo. A paisagem do enforcado, também trás na inscrição em seu corpo-texto uma história singular, uma memória, memória de todos os envolvidos, memória do lugar, de uma tradição, que marca as perdas e ganhos, na cor matizada de sangue escorrido pela terra.

O portunhol *selbaje*, é uma língua híbrida, que tem a inscrição da periferia, e a consciência de estar arraigada no domínio do conhecimento do povo da fronteira. A língua, condição de sobrevivência e reprodução naturais, sobrevive em meio a vida e a morte, uma língua bizarra, rupestre, feia, *bella* e diferente, espelha a “ferida aberta” de Anzaldúa, a ferida que sangra do corpo do sujeito subalterno, a linguagem poética do fronteiriço, que pontua a consciência e o corpo dilacerado de um *sujeito oprimido pero no vencido*.

No capítulo V, “A razão pós-subalterna da crítica latina”, citando Silviano Santiago, o Professor Edgar desvenda a maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental, a miscigenação, por meio da destruição dos conceitos de unidade e pureza e de superioridade cultural, a medida em que a contaminação dos latino-americanos se afirma, graças ao movimento de desvio da norma.

Em termos de Brasil, por mais que as teorias vindas dos Estados Unidos e da Europa ajudem os intelectuais nacionais, do eixo ou fora dele, a compreender os problemas internos, elas, as teorias vindas de fora, não são uma tábua de salvação para o crítico periférico brasileiro. A razão política de uma crítica

⁵² Ver NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 101.

subalterna como a da América Latina resume-se numa descolonização dos saberes.

Para desfazer e ultrapassar a subalternidade interna inerente, faz-se necessário valer-se teoricamente do conceito de pós-ocidentalismo, capaz de proporcionar uma melhor ideia do discurso crítico acerca da América Latina sobre o colonialismo. Aliado ao pós-colonialismo, a “razão subalterna” permite ao crítico da fronteira, fora do eixo, articular uma prática crítica que desbarate a razão imperial moderna, atestando a importância de a crítica latina estar assentada na razão “pós-colonial”, ambos de Mignolo.

Essa prática da crítica subalterna permite propor novas formas subalternas de pensar o lócus, a fronteira do Mato Grosso do sul, desfazendo e ultrapassando a subalternidade interna inerente.

O conceito de “opção descolonial” corrobora com o conceito de “razão subalterna” na medida em que é uma desobediência epistêmica frente aos conceitos eurocentrados, sem deslegitimar as ideias pós-coloniais. Pensar e agir descolonialmente como forma de não permanecer dentro desta razão moderna e imperial, no entanto, a razão subalterna acaba reforçando essa distinção entre teoria e prática do fazer *descolonial*. Essa prática crítica descolonial, encontrada na razão subalterna, vai permitir a crítica latino americana fundar uma epistemologia desvinculada da epistemologia moderna que se mantém presa aos conceitos ocidentais e a prática de acumulação de conhecimento.

194

Graças ao pensamento crítico subalterno, transformações ocorridas de dentro da academia, em oposição à esfera pública, possibilitaram uma mudança teórica e epistemológica. No caso do Brasil que tem uma tendência consolidada de receber e avaliar teorias estrangeiras, conforme constatou Mignolo, se por um lado essa crítica é aberta para receber, avaliar e traduzir as novas práticas, sem apego à tradição interna, por outro lado, existe um ranço subalternista, cultural e histórico, que obriga essa mesma crítica a defender a tradição moderna aqui hospedada. Operacionalizar tais mudanças em se tratando de academias periféricas como as brasileiras, é um processo mais lento e duradouro.

Nolasco, de seu lócus periférico, de dentro de uma universidade também periférica, erige sua crítica pensando a razão subalterna, como um conjunto diverso de práticas teóricas emergindo dos e respondendo aos legados coloniais na interseção da história euro-americana moderna. O que permite ao crítico, articular

uma reflexão para além de qualquer estética imperializante. Essa prática reflexiva subalterna exerce o poder de barrar o “colonialismo interno” cristalizado na instituição e na produção dos saberes. Propondo ultrapassar o pensamento dicotômico, aqui sinônimo de moderno, Edgar entende Walter Mignolo quando este mostra a interferência direta da razão subalterna na distribuição geopolítica do conhecimento.

“Teorização pós-colonial” é um processo de pensamento que os que vivem sob a dominação colonial precisam empreender para negociar suas vidas e sua condição subalterna. Por estarem embasadas nas heranças coloniais e nas histórias locais é que a prática teórico-crítica da razão subalterna propõe uma descolonização/dessubalternização do colonialismo interno que teima em imperar nas periferias. Essa crítica busca romper, barrar a dominação imposta por meio do colonialismo interno da crítica dos grandes eixos do país ou até mesmo vinda de fora.

O professor, assim como Mignolo percebem e identificam que as teorias que viajam foram, e em parte, ainda são repetidas exaustivamente, dentro e fora da academia, como se fossem uma tábua de salvação que pode abarcar todos, eixo e periferia, interna e externamente, essas teorias traduzidas e reescritas internamente, prova de um colonialismo interno, característica brasileira, onde são várias as barreiras epistemológicas a serem transpostas, impostas de fora e de dentro do próprio território, onde o eixo parece querer colonizar também a periferia, o fora do eixo, o subalterno do subalterno, há sempre um mais abaixo para colonizar.

A descolonização é uma forma de desobedecer `a colonização dos saberes que ainda hoje perpetuam-se nas academias, do eixo e de fora dele. Para tanto, os discursos críticos da fronteira devem reconceitualizar os conceitos migrados para as margens, de uma crítica erigida no centro, com a missão de esclarecer os lugares fronteiriços. Essa teorização pós-colonial no próprio fazer é um processo de pensamento que os que vivem sob dominação colonial precisam empreender. Tal gesto crítico busca a libertação em todas as esferas da vida.

Quando a crítica subalterna barra o colonialismo interno imposto pela crítica dos centros ou de fora, ela escava uma fenda no discurso crítico periférico de modo que as heranças coloniais da zona de fronteira (sul) venham `a luz e não sejam mais ignoradas. Nessa esteira a questão indígena, enquanto mais subalterno que os brasiguaios, paraguaios e bolivianos na fronteira sul, pois estes sequer são

aferidos pelo Estado. Essas relações diferenciais entre povos, culturas, línguas só podem ser resolvidas na perspectiva pós-colonial.

A inscrição da experiência do crítico subalterno/colonial em suas práticas teóricas são essencial para Mignolo. A medida em que o crítico subalterno desenha seu *bios*, permitindo a inscrição da teorização pós-ocidental como uma “teorização bárbara” (selvagem, periférica e fronteriza).

O artista subalterno não foge `a regra: produz a partir da condição na qual se encontra, quer tenha consciência disso ou não. A consciência subalterna fala em sua obra, assim como nós, intelectuais também da fronteira, que o leio, inscrevo em cada linha minha condição liminar e fronteiriça, todos esses elementos aqui inscritos, são parte fundante do nosso *bios* e, mais precisamente no nosso lócus.

No livro o professor toma como exemplo para ilustrar como a questão da subalternidade se inscreve nas obras dos artistas da fronteira sul, os Bugres esculpidos por Conceição dos Bugres, mãe do artista Ilton Silva⁵³, onde o *bios* da artista faz parte de um cenário esteticamente moderno, branco e preconceituoso, onde o indígena nunca teve vez, voz, e muito menos poder de veto.

Figura 2 – Conceição dos Bugres



Fonte: Blog “I love MS”.⁵⁴

⁵³ Objeto de estudo da dissertação de Daniela Correa Nachif (autora também desta resenha).

⁵⁴ Disponível em: < <http://www.ilovemosoficial.com/2012/09/conceicao-dos-bugres-icone-cultural-de.html> > Acesso em: fev. 2015.

Esse cenário só autentica o discurso autoritário imperial do poder do estado. No caso da artista citada, sua produção pode apenas exumar a história toda de um povo subalterno dentro da história da humanidade ocidental. Neste caso compete `a teorização pós-subalterna reinserir a “produção bugresca” na história local e mundial, para assim tirar a tarja imposta pela estética da razão pós moderna com seu desejo de civilizar o outro.

Afirma Eduardo Viveiros de Castro em entrevista recente⁵⁵, quando disse que ser Índio é algo que se deve deixar de ser, algo a ser superado, como uma condição menor, como o passado deve também ser superado para que o futuro se faça presente.

Como intelectual da fronteira, Edgar consegue ver nos bugres a constituição de um novo sujeito epistemológico cuja insígnia da fronteira se desenha nos vincos, poeticamente, assim como escreve também o intelectual periférico, de seu corpo totêmico. A prática auto-reflexiva e crítica do intelectual na academia prioriza as sensibilidades biográficas dos sujeitos, pesquisador e artista, ambos de fronteira, mesmo quando a herança colonial for um fato histórico e não pessoal, pois só por meio deste olhar que englobe a consciência e a experiência do subalterno é que o pesquisador se encontra na condição de compreender as questões indígenas como questões subalternas. A razão subalterna revela uma mudança de terreno em relação `a própria fundação da razão moderna como prática cognitiva, política e teórica. Nesse caso, a opção descolonial pretende exumar histórias e memórias esquecidas e reinseri-las no debate contemporâneo, respeitando seu lugar, o corpo no qual ela vive, bem como tirá-la de sua condição de exterioridade e querer analisar a luz do pensamento ocidental.

O autor do livro leva a entender que uma crítica subalterna articula-se de uma perspectiva geopolítica da margem, fronteira, periférica, exterior, levando em conta uma epistemologia específica desse *loci* geográfico cultural. Já a desobediência epistêmica dá-se não por que elas ignoram os conceitos modernos e as categorias que estão na base do pensamento ocidental, mas por que elas se predisuseram a des-aprender a lição da tradição moderna e aprender como se fosse pela primeira vez. Dessa forma, esse projeto colonial/universal homogeneizou as diferenças culturais e locais, interiorizando as exterioridades.

⁵⁵ Ver YOUTUBE <https://www.youtube.com/watch?v=c3v_DuRI1tE>

Até aqui o professor Edgar se deteve basicamente nos conceitos de “razão subalterna” e de “opção descolonial” pontuando-os como base teórica acerca de uma discussão voltada para o que se denomina de crítica subalterna (latina). Daqui em diante volta-se para uma problematização de ordem crítica e cultural, sobre o lócus de fronteira sul e os países lindeiros, Paraguai e Bolívia.

Atenta a todos para a condição fundacional de fronteira que se encontra na origem da cultura local, em especial aos conceitos de “hospitalidade” e processo de construção da epistemologia fronteriza que se dá na diferença do lócus em questão. Aqui explica que na tríplice fronteira não apenas as teorias itinerantes se hospedam vindas dos grandes centros não só do país mas do mundo, permanecendo por meio de repetição de um monotópico que soa como uma eternidade.

Segundo o autor, as vidas na fronteira não chegam, estão em constante trânsito, batem à porta em busca de hospedagem, diferente das teorias itinerantes que quase sempre não são transculturadas, esses andariegos, brasiguaios e bolivianos, como suas línguas e culturas, trazem na bagagem a diferença colonial. Quando instalados na fronteira Sul, se deparam com legados coloniais incrustados nas paredes da Academia, nas memórias dos intelectuais do lugar e na prática repetitiva disciplinar que barra toda espécie de diferença.

198

Como já iniciada a discussão nos capítulos anteriores, mas aqui acrescida de uma nova forma de assimilação das teorias vindas de fora com intuito de continuar a colonizar os saberes por meio das teorias viajantes, que não apenas são hospedadas e repetidas exaustivamente para iluminar a inteligência dos anfitriões.

Para elucidar tal questão aponta que quando a hospedagem da crítica anfitriã proporciona um sentido contrário que permite que os sujeitos e as produções, todos, enfim, vindos do outro lado da fronteira sul, revelem uma realidade outra que não poderia ter sido percebida sem o seu deslocamento de origem e sua aceitação para hospedar em lugar alheio.

Em ambos os casos acontece uma transculturação com uma diferença essencial. Primeiro, as teorias vindas de fora sofrem transculturação e tornam-se meros objetos, da ordem da repetição, nada de novo. Segundo, as teorias sofrem trans/culturação abrindo-se para uma epistemologia outra. Nos dois casos é a fronteira epistemológica que permite a presença da diferença colonial e, por

consequente uma viagem crítica mais saudável e duradoura. Enquanto as teorias do viagem do Norte para o Sul, as teorias subalternas podem viajar em todas as direções e atravessar todas as fronteiras.

A marca da transfronteiridade, aberta a todas as dimensões e limites, é onde o professor Edgar encontra uma saída, uma perspectiva epistemológica, que propõe uma epistemologia outra que a seu modo barre qualquer traço ou ranço subalternista com relação à crítica e às culturas periféricas do Sul. Num geral, visando sua própria sobrevivência e a do estrangeiro, a fronteira inaugura um mundo outro, o da diversidade (Mignolo) onde há convivialidade e a hospitalidade.

Nesse momento o autor traz Jacques Derrida para o diálogo. Nesse lugar propício à hospitalidade incondicional, logo avesso ao direito e à política, não há lugar para a hospitalidade condicional. A zona de fronteira aqui em debate, por sua condição de liminaridade, encontra-se aberta para uma prática de hospitalidade que é, ao mesmo tempo, hospitaleira e hostil.

Nessa zona de transfronteiridade infinita, onde reina a hospitalidade incondicional, segundo Derrida, sem essa hospitalidade pura “não existe conceito de hospitalidade”⁵⁶ ali onde o anfitrião supõe permanecer “senhor de minha casa e ali onde controlo minha casa e meu território, minha língua”.⁵⁷ Na fronteira não há controle a não ser dos latifundiários que cercam suas terras com barricadas e fossos contra os índios que foram expulsos de suas própria casa.

Em seguida o tema abordado são paisagens borracheras e sensibilidades biográficas. Nolasco, recupera a discussão anteriormente abordada nos capítulos anteriores propondo uma descolonização dos saberes e valores estéticos monotópicos, bem como de conceitos.

Neste momento o recorte epistemológico utilizado para embasar tal capítulo, o autor se vale dos pressupostos teóricos de Bhabha e Mignolo, principalmente. Bhabha talvez pela questão de língua inglesa e de dependência cultural, assenta sua discussão, em grande parte no estruturalismo e pós-estruturalismo franceses,

⁵⁶ NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 123.

⁵⁷ NOLASCO. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*, p. 125.

sobretudo Lacan e Derrida, enquanto Mignolo vai se afastar deles por entender que tais tendências não levaram em conta a diferença colonial.

Edgar sem querer tomar partido crítico, pretende entender que proposição crítica defendida por Mignolo sobre a América Latina, apesar de pensada nos Estados Unidos. O mesmo acontece com Bhabha que ajuda a crítica aproximar-se e a entender melhor os problemas da colonização e ao mesmo tempo buscar estratégias críticas capazes de se fazer compreender a América Latina e suas fronteiras internas por fora da reflexão eurocêntrica.

A discussão do *Trans* proposta não tem mais a ver com “disciplina” mas com “cultura”, permite pontuar as “diferenças culturais” da fronteira e reinseri-las em uma discussão crítica de maior abrangência.

Outro ponto importante é Nolasco se lembrar que a violência *fronteriza* parte do abandono geoistórico, cruzeiros fincadas, andarilhos, morte na calada da noite, casas vazias, deixadas na calada da noite, uma terra sem lei. Essas memórias que hospedaram o autor, também se hospedaram nele.

Citando quase na íntegra o relato do autor sobre a sua experiência na fronteira:

Exumar memórias e contar as histórias silenciadas, é uma questão de justiça. As paisagens fronterizas são relevantes para a discussão por que sem elas entender e lembrar as histórias locais e as memórias locais e subalternas que por caíram no esquecimento por conta das memórias estatais, ou das memórias itinerantes vindas dos grandes centros, ou claro, da importação de teorias e críticas sobre memória que quase sempre, para não dizer sempre, não levou em consideração as especificidades geoistóricas e geopolíticas das memórias subalternas.⁵⁸

O capítulo mais pessoal do livro, é para nós o mais simbólico, onde o intelectual fala do seu *bios*, da sua especificidade geoistórica e geopolítica, onde relata a invasão das memórias cristalizadas nos centros hegemônicos que migraram e encobriram as histórias e memórias locais, por meio de repetições acrílicas dos discursos acadêmico.

Por mais ultrapassadas que sejam essas repetições, é compreensível que foi preciso todo um percurso teórico e crítico, no caso específico do intelectual autor

⁵⁸ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 135.

liminar consciente de sua subalternidade e da colonização dos saberes da fronteira, para que fosse reconhecido esse projeto pós-colonial e pós-ocidental para descortinar a posição de objeto dos que na fronteira habitam.

Essa repetição acrítica, dos críticos brasileiros do eixo e fora dele, se hospedaram em casa alheia, fazendo dela sua casa, e, ao ignorarem as histórias e memórias das anfitriãs, acabaram por reforçar sua própria memória totalizante e excludente.

Na fronteira pode haver hospitalidade forçada, mas não há transculturação memorialística de mão única.

A necessidade de exumar o arquivo vivo que são as paisagens subalternas e biográficas da fronteira, é de responsabilidade da crítica biográfica pós-colonial latina. Sem pretenderem-se nacionais e tão pouco totalizadoras, as memórias e histórias locais devem compor o quadro do lugar onde se encontram.

Nesse capítulo autobiográfico Edgar se vale de Anderson autor de Comunidades Imaginadas e do filósofo Derrida a respeito do arquivo de memórias subalternas, que sofrem um mal de arquivo radical, pois trabalham no sentido de apagar qualquer traço, símbolo, que teima em resistir ao tempo e representa-las ao outro.

Voltando a Anderson, em lugar da “biografia das nações” o autor pretende uma “biografia das memórias subalternas”. Essas que trabalham através de uma amnésia específica para sobreviverem às imposições de uma memória moderna e impositiva, por outro lado cultuam uma sobrevivência manifesta, mas reprimida em seu lócus geostórico cultural específico que, a qualquer momento, faz irromper outras vidas, outras memórias, outras narrativas particulares. As narrativas não nascem apenas dos esquecimentos arquivados na consciência subalterna, como também das memórias outras enterradas vivas.

As histórias locais, e as memórias subalternas, só podem ser narradas/inventadas da perspectiva de uma epistemologia outra e nunca da epistemologia moderna.

Falar em identidade possível das memórias subalternas, não tem como não se reportar à discussão de Mignolo acerca da “identidade em política” como oposição a “política de identidade”. Para ele, as

identidades construídas pelos discursos europeus modernos eram raciais (isto é, a matriz racial colonial) e patriarcais [...] A identidade em política, em suma, é a única maneira de pensar descolonialmente (o que significa pensar politicamente em termos e projetos de descolonização).⁵⁹

O que afasta historicamente a memória da fronteira da memória da tradição moderna é que aquela, além de sobreviver a partir de seu lócus geoistórico e cultural, traz, desde sua gênese, a diferença colonial inscrita para sempre em seu corpo-arquivo.

Talvez o gênero certo para a América Latina escrever sua própria biografia, que ainda se encontra faltante na biblioteca latina, seja o romance biográfico, mas desde que se volte para as suas memórias subalternas e rechace as memórias alheias que se acostumam a hospedar nos trópicos, achando que ditariam as regras de um bom modelo memorialístico para todo o sempre.

CONCLUSÃO: transitar por espaços incertos

A escrita de *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, por sintetizar os atuais caminhos críticos de Edgar César Nolasco e de outros pensadores, estrutura-se por meio do linguajar circulatório, constituindo um texto revisionista e sugestivo quanto aos conceitos impostos e às discussões propostas pelo autor para que o leitor amplie seus horizontes para a necessidade da constituição de uma crítica fronteira, atravessada pela transculturalidade, que englobe os lócus periféricos, posta em diálogo com as outras críticas. Portanto, por possuir essa abordagem atual, os postulados do crítico passam, por conseguinte, a serem efêmeros por excelência, no sentido de que se reconheça como tal, diferente da velha crítica que pretende demasiadamente que os modelos propostos por ela sejam utilizados de modo exaustivo. Por caracterizar-se de forma efêmera, o pensamento de Nolasco transita por espaços incertos, uma vez que efemeridade e a incerteza são próximas, segundo Achugar.

Dessa forma, a crítica atravessada pela transfronteiridade à qual aspira Edgar está

⁵⁹ NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 138.

prefigurada a ideia de reivindicar o fragmento, de proclamar com orgulho que [...] é um “balbucio”, que balbuciar não é uma carência, mas uma afirmação. Uma orgulha – orgulhosa no sentido de reivindicar o próprio, não como sinônimo de soberba nem de chauvinismo ou ameghinismo intelectual – afirmação de que o pensamento crítico latino-americano não tem de pagar tributo à sistematização “euro/ianque/etc./etc./etc.”, que o que ele tem de sistemático – de existir, e mesmo quando exista no pensamento latino-americano –, ou sua maior virtude, fundamenta-se no fato de que habitamos “espaços incertos”, outros territórios, âmbitos inexplorados que sempre estamos em processo de construir, descobrir, habitar.⁶⁰

Perto do coração selbaje da crítica fronteriza é instrumento para a crítica latina, sul-americana, periférica, subalterna. O professor é a expressão de um aspecto paradoxal dessa subalternidade dos saberes, por ser demasiado lúcido desse subalternismo, dessa marginalidade da fronteira, especificamente a fronteira tríplice, Brasil Bolívia e Paraguai. Desse modo, o livro como ferramenta, como uma lente que mostra por todos os lados o colonial ainda presente no cotidiano, nas frestas, nas dobras da vida tanto da fronteira quanto do eixo, do Sudeste, nosso Norte interno, ilusão imaginar que o Norte interno é menos colonizado, quando é um instrumento bem afiado, treinado pelo saber colonial/imperial/moderno.

Nessa perspectiva, o livro como ferramenta serve à crítica brasileira, tanto do centro como fora dele, como instrumento importante não apenas teoricamente como culturalmente, e de forma inédita o autor aproxima para o Brasil, e para o seu *bios*, a fronteira, lugar de passagem, para pessoas eternamente em trânsito, fronteira que separa politicamente, mas que acolhe social e solidariamente, transculturando e transformando a todos que ali transitam, sejam brasileiros, paraguaios, bolivianos, brasiguaios, andariegos, indígenas, com sua hospitalidade menos hostil nas relações. O livro não aborda apenas as questões acadêmicas da crítica latino-americana fronteiriça do lócus onde habita o intelectual pensante, que procura ultrapassar e se apoderar da sua fronteira, do seu lugar ex-cêntrico. Pois para ele o intelectual da fronteira não pode falar como o intelectual do centro, pois o lócus interfere na mirada.

Propondo uma crítica da crítica, uma pós-crítica, Nolasco segue na esteira de Mignolo discutindo as questões levantadas pelo crítico argentino e as

⁶⁰ ACHUGAR. *Planetas sem boca*: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura, p. 24.

aproximando da academia brasileira, não só a academia *fronteriza*, que sem pudores recebe, hospeda as teorias que viajam do Norte para cá o Sul, e são traduzidas `a exaustão, forçosamente utilizadas e reescritas, a fim de que possam auxiliar na compreensão da América Latina.

As teorias do eixo, tanto da Europa quanto dos Estados Unidos, não são descartadas em nenhum momento, mas sim, reconhecidas em sua relevância, no entanto, percebidas como um movimento de continuidade do sistema moderno/imperial/colonial que perdura como empresa esteticamente civilizadora, que tem como projeto a manutenção de culturas e histórias hegemônicas, que silenciam outras vozes, estrangulam as sensibilidades, as diferenças, sejam elas quais forem, sociais, culturais, políticas, de língua, de etnia.

O que a pós-crítica postula é a exumação das memórias, das histórias locais, esse movimento se baseia na liberdade, na descolonização dos saberes, dos indivíduos e dos territórios, aqui especificamente da fronteira seca ao sul do estado do Mato Grosso do Sul. Para construir essa proposta teórica, durante todos os ensaios críticos reunidos no livro, o professor Edgar aborda a questão subalterna do ponto de vista não apenas do intelectual argentino Walter Dignolo, fortalecendo a necessidade de uma pós-crítica pós-colonial e pós-ocidental desde Lacan e Foucault, que aborda a questão marginal, das histórias locais, mas não avançam na discussão, `a medida em que prevê que esses saberes subalternos seriam encampados pelos saberes do centro, pela Europa, como que se preciso fosse progredir para o modelo colonizador.

204

Com este livro, e com os autores que servem de aliados na empreita de compreender o caso latino-americano, deixado de lado pelos intelectuais tanto europeus quanto americanos, bem como aprofundam o cenário quando a fronteira é colocada no centro, como *lócus* e *bios*, dos sujeitos que têm fala, teorizam e não precisam mais ser estudados, podem ser eles mesmos os protagonistas.

Além disso, o crítico postula um projeto de empoderamento dos intelectuais em posição da subalternidade, e generosamente o professor coloca a questão indígena como uma questão a parte, um caso em que mais que subalterno, hoje, vive de forma cada vez mais marginalizada, sempre em trânsito, sem terra, sem voz, sem mundo. Como Darci Ribeiro, Dignolo e Nolasco, entendem as diferenças coloniais, e a necessidade de uma nova epistemologia, uma epistemologia outra, pra abarcar os outros, que são tantos na América Latina, onde

tipos de sociedades que aqui estavam foram balizadas e homogêneas de forma a serem dominadas *ad eternum* como escravizadas em nome da modernidade.

Até mesmo as etapas do processo civilizatório, histórico, construído com base em conceitos advindos de uma teoria global e hegemônica, não cabem aqui para explicar a América Latina, por mais que as seguremos como tábua de salvação, é preciso que seja superado esse modelo acadêmico, mesmo que na academia fronteiriça seja um processo mais demorado e duradouro, como o intelectual *fronterizo* que é, pode identificar e procurar então formas de superação.

Propondo um novo caminho para descolonizar Edgar coloca toda sua sensibilidade local, se insere no texto, teoriza a partir de seu lócus, faz todo o percurso da crítica até chegar na proposta da pós-crítica, ao se assumir subalterno, frente o eixo interno e externo, faz exatamente o que propõe com seu conceito de pós-crítica, se assume, sem se diminuir, sem reverenciar, mas, se assumindo capaz de realizar seu projeto.

Ao se propor a ultrapassar uma posição ocupada pela crítica há tanto tempo que já nem é mais percebida como colonizada, dependente e subserviente, coloca seu amor pelo seu *bios*, seu lócus, e o faz de maneira extremamente sincera, é um movimento político, uma escolha descolonial e desobediente que contagia, abre caminhos, possibilita o surgimento de uma crítica *fronteriza* autêntica, e corajosa, forte, segura de que suas histórias locais são tão significativas quanto toda e qualquer outra história o é; tal como as produções artístico-culturais inscritas nos versos de “Um modo poético”, de Nolasco: “Uma poética fronteiriça propõe saberes e ignorâncias outras/ que rompem a cerca do arame farpado/ dos latifundiários do poder e do saber advindo/ do discurso acadêmico e disciplinar/ passando pelo estado e vice-versa”.⁶¹

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

⁶¹ NOLASCO. *Pântano*, p. 19.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/ Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NOLASCO, Edgar César. *Pântano*. São Paulo: Intermeios, 2014.

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Trad. de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.